

kafka e seus precursores

Certa vez planejei um exame dos precursores de Kafka. A princípio, considerei-o tão singular quanto a fênix dos elogios retóricos; depois de alguma intimidade, pensei reconhecer sua voz, ou seus hábitos, em textos de diversas literaturas e de diversas épocas. Registrarei alguns deles aqui, em ordem cronológica.

O primeiro é o paradoxo de Zenão contra o movimento. Um móvel que está em A (afirma Aristóteles) não poderá alcançar o ponto B, porque antes deverá percorrer a metade do caminho entre os dois, e antes, a metade da metade, e antes, a metade da metade da metade, e assim até o infinito; a forma desse ilustre problema é, exatamente, a de *O castelo*, e o móvel e a flecha e Aquiles são os primeiros personagens kafkianos da literatura. No segundo texto que o acaso dos livros me deparou, a afinidade não está na forma, mas no tom. Trata-se de um apólogo de Han Yü, prosador do século IX, e consta na admirável *Anthologie raisonnée de la littérature chinoise* (1948), de Margouliès. É este o parágrafo que assinalai, misterioso e tranqüilo: “Universalmente se admite que o unicórnio é um ser sobrenatural e de bom agouro; assim declaram as odes, os

anais, as biografias de varões ilustres e outros textos cuja autoridade é indiscutível. Até os párvulos e as mulheres do povo sabem que o unicórnio constitui um presságio favorável. Mas esse animal não figura entre os animais domésticos, nem sempre é fácil encontrá-lo, não se presta a classificações. Não é como o cavalo ou o touro, o lobo ou o cervo. Em tais condições, poderíamos estar diante do unicórnio e não saberíamos com segurança que se trata dele. Sabemos que determinado animal com crina é cavalo e que outro animal com chifres é touro. Não sabemos como é o unicórnio¹.

O terceiro texto procede de uma fonte mais previsível, os escritos de Kierkegaard. A afinidade mental desses dois escritores é coisa que ninguém ignora; o que ainda não se destacou, que eu saiba, é o fato de que Kierkegaard, assim como Kafka, foi pródigo em parábolas religiosas de tema contemporâneo e burguês. Lowrie, em seu *Kierkegaard* (Oxford University Press, 1938), transcreve duas. Uma é a história de um falsificador que examina, incessantemente vigiado, as notas do Banco da Inglaterra; Deus, da mesma forma, desconfiaria de Kierkegaard e lhe teria encomendado uma missão, justamente por sabê-lo afeito ao mal. O assunto de outra são as expedições ao pólo Norte. Os párocos dinamarqueses teriam declarado do púlpito que participar de tais expedições convém à salvação eterna da alma. Teriam admitido, no entanto, que chegar ao pólo era difícil e talvez impossível, e que nem todos podiam levar a

1 O desconhecimento desse animal sagrado e sua morte ignominiosa ou casual nas mãos do povo são temas tradicionais da literatura chinesa. Veja-se o último capítulo de *Psychologie und Alchemie* (Zurique, 1944), de Jung, que contém duas curiosas ilustrações.

cabo a aventura. Por fim, teriam anunciado que qualquer viagem — da Dinamarca a Londres, digamos, no vapor de carreira — ou um passeio dominical num carro de praça seriam, olhando-se bem, verdadeiras expedições ao pólo Norte. A quarta das prefigurações foi a que encontrei no poema "Fears and Scruples", de Browning, publicado em 1876. Um homem tem, ou julga ter, um amigo famoso. Nunca o viu e o fato é que ele não pôde, até agora, ajudá-lo, mas dele contam gestos muito nobres, e cartas autênticas circulam com seu nome. Há, porém, quem ponha em dúvida os gestos, e os grafólogos afirmam o caráter apócrifo das cartas. O homem, no último verso, pergunta: "E se esse amigo fosse Deus?"

Minhas notas registram igualmente dois contos. Um pertence às *Histoires désobligeantes* de Léon Bloy e relata o caso de pessoas que estão repletas de globos terrestres, atlas, em guias ferroviários e baús, e que morrem sem jamais ter conseguido sair de sua cidade natal. O outro intitula-se "Carcassonne" e é obra de lord Dunsany. Um exército de guerreiros invencíveis parte de um castelo infinito, subjuga reinos e vê monstros, e se exaure nos desertos e nas montanhas, mas nunca chega a Carcassonne, embora chegue a divisá-la. (Este conto é, como facilmente se perceberá, o estrito reverso do anterior; no primeiro, nunca se sai de uma cidade; no último, nunca se chega.)

Se não me engano, as peças heterogêneas que enunarei se parecem com Kafka; se não me engano, nem todas se parecem entre si. Este último fato é o mais significativo. Em cada um desses textos reside a idiossincrasia de Kafka, em grau maior ou menor, mas se Kafka não tivesse escrito, não a perceberíamos; ou seja, ela não existiria.

O poema "Fears and Scruples", de Robert Browning, profetiza a obra de Kafka, mas nossa leitura de Kafka afina e desvia sensivelmente nossa leitura do poema. Browning não o lia como nós agora o lemos. No vocabulário crítico, a palavra *precursor* é indispensável, mas seria preciso purificá-la de toda conotação de polémica ou rivalidade. O fato é que cada escritor *cria* seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado, assim como há de modificar o futuro.² Nessa correlação, nada importa a identidade ou a pluralidade dos homens. O primeiro Kafka de *Betrachtung* é menos precursor do Kafka dos mitos sombrios e das instituições atrozes do que Browning ou lord Dunsany.

Buenos Aires, 1951

² Veja-se T. S. Eliot, *Points of View* (1941), pp. 25-6.